

OS AMIGOS MISSIVISTAS: CYRO DOS ANJOS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Angélica Pereira Martins Chagas (UFU)¹

Resumo: O presente trabalho pretende discorrer sobre a amizade entre dois escritores brasileiros: Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade. Os autores mineiros compartilhavam a rotina entre o serviço público e a literatura. Trocaram correspondências por toda a vida, se mostraram amigos e confidentes para falar dos mais diversos assuntos – a política vigente da época, o círculo de amizades de ambos, família, trabalho e sobre a criação literária de cada um. Drummond, deposita em Cyro dos Anjos uma grande confiança, relatando com intimidade os acontecimentos de sua vida. Já Cyro dos Anjos se mostra um aprendiz, seguidor de Carlos Drummond. O poeta serve de inspiração e encoraja o romancista à escrita literária.

Palavras-chave: Cyro dos Anjos; Carlos Drummond; correspondências; escrita de si.

O poeta Carlos Drummond de Andrade foi um dos maiores nomes da literatura brasileira de todos os tempos, tem uma obra vasta e de muito prestígio. Viveu a maior parte de sua vida no Rio de Janeiro entre 1934 e 1987, o mineiro nascido em Itabira produziu poesias, crônicas para jornais e compartilhou a vida de funcionário público com a escrita literária. Drummond era rodeado de rapazes que também oscilavam entre a escrita e o serviço público, um desses amigos foi o escritor mineiro nascido em Montes Claros: Cyro Versiani dos Anjos.

Mais conhecido como Cyro dos Anjos, o romancista, ao contrário de Drummond, possui uma quantidade pequena de obras, detalhe que não diminui a qualidade das mesmas. A estudiosa Ana Paula F. Nobile Brandileone ressalta a diferença da escrita dos romances de Cyro dos Anjos na literatura de 1930: “explorou as suas potencialidades: a inconclusividade, a liberdade, as possibilidades concernentes ao tratamento da linguagem e, acima de tudo, por glosar o mundo misturado, a partir do hibridismo dos gêneros” (BRANDILEONE, 2007, p.92). Sobre Cyro dos Anjos, Constância Lima Duarte diz:

¹ Graduada em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM); Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). angelicapereira@hotmail.com

Filho de conhecido professor-fazendeiro, e de mãe também instruída, Cyro dos Anjos teve a trajetória esperada para um rapaz de sua posição social. Ainda jovem mudou-se para Belo Horizonte, estudou Humanidades, bacharelou-se em Direito e, como amanuense qualificado, ocupou inúmeros cargos na administração pública ao longo da sua vida. Era previsível que integrasse também o grupo de escritores capitaneados por Drummond, João Alphonsus, Guilhermino e Emílio Moura, pois frequentavam os mesmos cafés, as mesmas redações de jornais, os mesmos ideais. (DUARTE, 2009, p.179)

A amizade entre esses dois grandes escritores se criou em Minas Gerais, boa parte dela em Belo Horizonte. Mas esse laço ultrapassou as fronteiras mineiras e seguiu circulando pelo Rio de Janeiro e até mesmo fora do Brasil. Uma amizade marcada por cartas que transitaram por diversos territórios, inclusive os de sentido figurado: entre o serviço público e a literatura.

Por muitas décadas, os homens de letras das Gerais buscaram o aconchego da burocracia. Em Belo Horizonte, também por muito tempo uma cidade de funcionários, não lhes faltavam “boas colocações”, como então se dizia. O serviço público não apenas permitiu vagares para a criação literária como também inspirou copiosa produção ficcional, da qual o conto “A morte burocrática”, do burocrata João Alphonsus, é das ilustrações mais saborosas, ao lado do *Amanuense Belmiro*, de Cyro dos Anjos. (WERNECK, 2012, p.146)

Um escritor de qualidade não precisa publicar dezenas de livros. Cyro dos Anjos possui uma obra relativamente pequena, é um escritor mineiro, nascido em 1906, foi amigo de diversos escritores do movimento modernista em Minas Gerais, como Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Emílio Moura, Aníbal Machado e Abgar Renault. De acordo com Ivan Marques: “Quatro anos mais novo que os rapazes do círculo de Drummond, Cyro foi um ‘modernista retardatário’ que só aderiu ao grupo quando o movimento estava acabando” (MARQUES, 2011, p.200).

Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade tornaram-se amigos e trocaram correspondências por toda a vida. As cartas revelam que Cyro foi o escritor com quem Drummond se sentiu mais à vontade para atravessar as barreiras da formalidade e da discrição. Drummond, por sua vez, também ocupava lugar especial na economia sentimental de Cyro:

“Você perdoará a extensão da carta. É que sinto a necessidade absoluta de explicar-me perante você, o amigo a quem mais me sinto

ligado na vida”. Essa amizade, calcada em afinidades profundas, cria condições especiais para que ambos se exponham francamente. (MIRANDA, SAID, 2012, p.5,6)

Segundo Wander Melo Miranda e Roberto Said: “Tornaram-se compadres, confidentes, na vida e na escrita” (MIRANDA, SAID, 2012, p.5). Ambos partilhavam a rotina entre serviço público e literatura, falavam sobre os mais diversos temas: política, pretensões quanto a carreira, casamento, crítica literária, círculo de amizades, alegrias e frustrações. O atarefado serviço público e as viagens de um e outro, são os motivos mais citados para justificar os demorados períodos que se passam entre algumas correspondências.

Um dos temas mais recorrentes nos registros é a política. Os conturbados acontecimentos políticos em 1945 – como o fim do Estado Novo – afetavam a vida dos escritores que mandavam benevolências um ao outro, Drummond diz em uma carta de novembro do referido ano: “Nascemos todos incapazes para a política, mas fadados a sofrer no lombo suas transformações” (MIRANDA, SAID, 2012, p.119). Em 21 de Março de 1932, Cyro dos Anjos comenta: “A política parece cada vez mais confusa, não?” (MIRANDA, SAID, 2012, p.41).

A troca de cartas mostra que quando falavam das suas obras literárias, ou das criações dos escritores amigos, escapavam dos assuntos políticos e burocráticos da época, comentavam da escrita em si dos textos, numa troca de elogios, críticas sinceras e constante apoio para que o amigo prosseguisse pelo caminho da escrita literária. Cyro dos Anjos chega a citar trechos de poemas de Drummond nas cartas, seja para usá-los com a função de alguma comparação ao tema da carta, seja para elogio desmedido e exagerado. Já Drummond encoraja a todo momento que Cyro publique seus textos, não se demore na escrita e elogia a escrita dos mesmos ao receber os exemplares.

A incitação para que Cyro termine logo o *Amanuense Belmiro* (1937) e, posteriormente, a alegria ao receber o exemplar de *Abdias* (1945) expressam um ponto de fuga as inquietações existenciais e literárias do poeta-missivista e aos constrangimentos políticos a que os escritores estão submetidos, em contexto de acirramento ideológico e cooptação política. A linguagem sintetiza, mais do que um empenho político, em rigor fadado ao desolamento e à decepção, um compromisso ético com o tempo. (MIRANDA, SAID, 2012, p.11)

O livro base utilizado para a escrita do presente artigo é intitulado *Cyro & Drummond* organizado pelos professores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): Wander Melo Miranda e Roberto Said. As correspondências entre Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade foram transcritas no livro a partir das originais que são arquivadas na Fundação Casa de Rui Barbosa e no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. As cartas foram trocadas entre os anos de 1931 e 1986, são 163 textos, entre cartas, bilhetes, radiogramas, cartões-postais e telegramas. “As cartas superpõem traços de um e outro, ao compor um largo painel intimista, valha o paradoxo, da vida literária e política brasileira de um período crucial do século XX” (MIRANDA, SAID, 2012, p.17).

Na condição de estudantes: Carlos Drummond, Emílio Moura, Alberto Campos, Milton Campos, Gabriel Passos, Abgar Renault, Gustavo Capanema, entre outros começaram a se unir em 1921. No livro *O desatino da rapaziada* que trata da vida e obra de jornalistas e escritores de Minas Gerais no período de 1920 a 1970, o escritor Humberto Werneck diz que esses rapazes “amavam a literatura, simplesmente, brincavam de modernismo” (WERNECK, 2012, p.46). Em rodas de conversa trocavam seus escritos literários trazidos no bolso, numa espécie de troca de crítica informal uns aos outros. Afinal, a Belo Horizonte daquele século não era uma cidade com muitas opções de lazer e distração:

Como tudo o mais em Belo Horizonte, a vida daqueles moços se organizava em torno da rua da Bahia: iam ao cinema no Odeon, tentavam a sorte na casa lotérica de Giacomo Aluotto, bebiam no Estrela ou no Trianon, compravam livros na Francisco Alves e, de madrugada, sentavam-se para conversar à porta da Caixa Econômica, no cruzamento com a avenida Álvaro Cabral. No Grande Hotel, em 1924, tiveram seu primeiro encontro com Mário e Oswald de Andrade, decisivo para a formação de todo o grupo. (WERNECK, 2012, p.45)

Werneck diz que essa falta de ter o que fazer e de não ter muitas escolhas de onde ir refletem a vida de personagens de Cyro dos Anjos, ele cita *O amanuense Belmiro*, primeiro livro escrito pelo montes-clarense, destacando que as personagens da obra “podem ser vistas, nas primeiras linhas do romance, a constatar com melancolia que em Belo Horizonte não havia nada para fazer – a não ser, como elas, tomar chope no bar do Parque Municipal” (WERNECK, 2012, p.35).

Cyro dos Anjos morou em Belo Horizonte desde novembro de 1924, mas não aderiu integralmente ao modernismo. Humberto Werneck ressalta que o escritor de *O amanuense Belmiro* “não está apenas fazendo uma boa frase quando diz que não aderiu ao modernismo e sim a Carlos Drummond de Andrade, a quem atribui papel decisivo em sua formação literária” (WERNECK, 2012, p.85). Nas correspondências entre Cyro e Drummond é perceptível que se não fosse pelo encorajamento de Drummond, talvez Cyro dos Anjos não estaria de fato no âmbito da escrita literária. O escritor foi incentivado e auxiliado durante todas as suas sete criações literárias pelo amigo poeta: seja com perguntas sobre as possíveis datas de término dos livros, com as leituras e críticas positivas, e até mesmo pela ajuda no quesito de contatos para publicação dos textos.

Sobre Belo Horizonte, Werneck também afirma que “em 1930, passava de duzentos o número de jornais surgidos desde a inauguração da capital, 33 anos antes” (WERNECK, 2012, p.89). Ganhar a vida com a escrita não era tarefa fácil, Cyro dos Anjos passou por períodos em que “precisava lançar mão de recurso extremo para ter o que comer: frequentar velórios – “os abastados, onde a empadinha e o pastel eram certos” (WERNECK, 2012, p.88). Jornais eram abertos ano após ano e iam se acabando por falta de recurso financeiro, público leitor e temáticas que interessassem. “Não que o escritor montes-clarense fosse um pé-frio em matéria de imprensa. A mortalidade jornalística, na Belo Horizonte do início do século, é que era impressionante” (WERNECK, 2012, p.88). O romancista passou pela carreira jornalística com apertos, também tentou trabalhar como professor de português, inglês e francês e teve dificuldade em conseguir alunos, e, naquele período, recorrer as publicações em busca de dinheiro não era um caminho viável. “Em seus primeiros 25 anos de vida, a cidade viu brotarem nada menos de 160 publicações, sem contar aquelas numerosas, que nasceram e se extinguíram sem deixar traço nos arquivos e bibliotecas” (WERNECK, 2012, p.89).

Drummond acompanhou a trajetória de Cyro dos Anjos como advogado, redator, professor e o incentivou na publicação de seus livros desde o primeiro até o último. No período da publicação de *Abdias*, segundo livro de Cyro dos Anjos, Drummond recebeu um exemplar da obra e enviou a seguinte mensagem via carta para o romancista no dia 11 de novembro de 1945:

Obrigado pelo *Abdias*, que eu já agradecera num telegrama breve, apenas para registrar uma pequena impressão de leitura. Apesar de considerar o *Amanuense* uma coisa literariamente perfeita, achei que neste novo romance você conseguiu mais da arte de escrever. Uma discrição maior, dentro da mesma segurança técnica. Os dois livros se aproximam muito, como você será o primeiro a reconhecer, porém não há repetição, e sim variações novas do mesmo tipo humano. De resto, o que mais me interessou em *Abdias* foi a escrita em si, pois ando preocupado com esse problema, e despreocupado de quaisquer “mensagem” ou sentidos que a obra possa trazer. E repito que fui sensível aos achados, tão pouco ostensivos mas tão autênticos, de seu novo trabalho. (MIRANDA, SAID, 2012, p.118)

Em resposta à carta de Drummond sobre a obra *Abdias*, Cyro dos Anjos respondeu humildemente no dia 22 de novembro de 1945 com a seguinte mensagem: “Prezado Carlos, guardei, com carinho, suas palavras sobre o *Abdias*. Ainda descontando o que há de benevolência e simpatia no seu julgamento, sobra o bastante para encorajar o autor” (MIRANDA, SAID, 2012, p.119). Em observação às cartas entre Cyro dos Anjos e Drummond, publicadas no livro *Cyro & Drummond*, é perceptível que nessa amizade, Cyro dos Anjos ocupa um papel de admirador de Drummond, se comporta como um aprendiz, sempre humilde ao receber elogios sobre sua própria obra, ao mesmo tempo que demonstra grande apreciação pelo trabalho do poeta. De acordo com Ivan Marques, para Drummond e Cyro:

O importante era expor a precariedade do individualismo e desaprovar “a conduta (ou falta de conduta) espiritual do autor”. Com isso, realizava-se o duplo esforço de encerrar uma etapa pessoal e ao mesmo tempo sintetizar a experiência modernista. Ambos os escritores estariam trabalhando no sentido de mostrar, pela impossibilidade de resistir “a vida presente”, a necessidade de resistir e sobreviver ao passado, que no entanto voltaria sempre a repontar. (MARQUES, 2011, p.246)

Através da leitura da obra *Cyro & Drummond* foi possível observar a atitude de Cyro dos Anjos como um grande admirador de Carlos Drummond de Andrade em diversos momentos. Do mesmo modo humilde como ele respondeu ao elogio de Drummond a respeito de sua obra *Abdias*, ele também o fez quando o elogio se referiu a sua obra *Poemas Coronários*: “Meu caro Poeta, sua carta, a propósito dos *Poemas Coronários*, tão generosa, me teria encorajado a trilhar a vereda nova, se a prudência não me puxasse a aba do paletó e me lembrasse quanto o Compadre é indulgente senão conivente com as temeridades dos amigos” (MIRANDA, SAID, 2012, p.255). Cyro dos Anjos diz que com os elogios do poeta até se aventuraria a escrever poesias, mas o bom

senso lhe puxa a orelha e ressalta que Drummond se mostra sempre favoravelmente disposto na apreciação de seus trabalhos, sendo um cúmplice amigo de todas as suas obras. Daí percebemos certa dificuldade em aceitar elogios, em enxergar a qualidade da própria obra.

Vale notar que as cartas definem uma espécie de hierarquia “espiritual” e “estética”. Cyro comporta-se quase sempre como discípulo ou aprendiz. Pede desabusadamente conselhos, leituras e revisões de seus textos. A admiração pela obra do amigo deixa-o quase sempre sem palavras: os comentários que intenta fazer sobre as subsequentes publicações do poeta vão pouco além do elogio desmedido. Desconcerta-se como fã diante do ídolo. Drummond serve-lhe como guia, modelo, uma espécie de interlocutor secreto pulsando nas tramas de sua escrita. (MIRANDA, SAID, 2012, p.8)

Cyro dos Anjos, era um intelectual muito preocupado com a crítica voltada para si. Como podemos verificar em uma carta de Cyro dos Anjos para Carlos Drummond de Andrade, em que o mesmo se preocupa com um pequeno detalhe de correção referente a uma carta enviada anteriormente:

Meu caro Carlos, ao guardar a cópia da carta que lhe enviei a 25, vi que, por distração, a datilógrafa escreveu avides, em vez de aridez, e pôs um g, no lugar do j, de engajar. Não por mim, mas pelo destinatário, é de presumir que a carta, se guardada, venha a ser lida por futuros biógrafos. Achar-se-ia descabida, no texto, a palavra avides. E o infeliz g conduziria a um mau juízo acerca dos acontecimentos etimológicos e ortográficos deste velho escriba. Assim, com vista aos pósteros, peço fazer no original as competentes correções... (MIRANDA, SAID, 2012, p.279)

Além da preocupação com a crítica de seus possíveis leitores, seja os leitores das cartas ou os leitores de suas obras publicadas, Cyro dos Anjos também se mostra um escritor lento no ato da escrita, cauteloso e preocupado com as mensagens que procura transmitir. Fato que pode justificar suas poucas sete obras – em comparação ao volume vasto de publicações do amigo poeta – é a vida corrida de servidor público, sendo transferido diversas vezes e morando em vários lugares. Mas o próprio romancista assume sua porcentagem de culpa em ser um escritor de poucas publicações. Em 19 de Julho de 1930 ele escreve a Drummond: “Você está me supondo um grandessíssimo preguiçoso, pois tendo-me arranjado a colaboração no Minas, tenho estado muito mole na remessa da mesma. Reabilitar-me-ei, porém, nesta semana” (MIRANDA, SAID, 2012, p.25). Em 31 de Junho de 1935 ele confessa: “Quanto a mim, continuo desejoso

de ejacular, num livro, minhas disponibilidades sentimentais” (MIRANDA, SAID, 2012, p.66), se referindo ao projeto de seu primeiro livro *O amanuense Belmiro*, que só foi publicado em 1937. Sobre essa questão, Drummond se mostra a todo tempo empolgado com as pretensões literárias do amigo e o incentiva, em 22 de Julho de 1936 ele declara a respeito de *O amanuense belmiro*: “Conclua o seu livro e venha ao Rio, como prometeu” (MIRANDA, SAID, 2012, p.82). Em 4 de Agosto de 1936 ele volta a mencionar a obra:

Ainda não pedi notícias do seu romance, que me interessa muito. É da maior necessidade que você o conclua e o publique, contribuindo para que se retifique o conceito atual do romance entre nós. A mim não me satisfaz nem a transcrição imediata e anticrítica de aspectos de uma vida regional, como fazem os rapazes do Norte (entre parênteses: como escrevem mal!), nem essa literatura “restaurada em Cristo” com que nos aporrinham os pequeninos gênios marca Lúcio Cardoso. Tudo isso é literariamente bem insignificante e, acredito, não resistirá ao tempo. Mas é preciso ir marcando as diferenças, trabalhando numa direção nova, de que aparentemente não há igual no quadro literário brasileiro do momento. Tenho muita esperança no Amanuense e o exorto, civicamente, a pô-lo na rua. (MIRANDA, SAID, 2012, p. 85).

Ao enviar enfim *O amanuense Belmiro* para o amigo Carlos Drummond, Cyro dos Anjos em 22 de Março de 1937 destacou: “Como lhe disse pelo telefone, não o faça sem algum receio. Em cada capítulo, sempre procurei imaginar – ao escrever – o que o poeta Carlos poderia pensar disso ou daquilo (MIRANDA, SAID, 2012, p.92). Ainda na mesma carta ele pede: “Peço-lhe que o leia com severidade e me mande sua opinião” (MIRANDA, SAID, 2012, p.93). Drummond responde em 24 de Março de 1937: “Vou ler sua obrinha menos como um crítico do que cúmplice e interessado no sucesso do autor” (MIRANDA, SAID, 2012, p.95). Semanas depois Cyro dos Anjos pede que Drummond o auxilie na publicação do livro, se mostra preocupado, em 13 de Abril de 1937: “Vários indivíduos, que nunca lerão o livro, vivem a perguntar por ele, só para me cacetejar. Sabem que seguiu para o Rio e indagam se foi ou não aceito. Você sabe como é isso” (MIRANDA, SAID, 2012, p.97). Em 30 de Julho de 1937 ele Cyro dos Anjos ressalta: “É uma tolice cara, esta de publicar um livro, mas meti-me nisso, e, agora, só me resta concluir a asneira” (MIRANDA, SAID, 2012, p.98). Visto que o escritor teve dificuldades para concluir sua primeira publicação. Porém, apesar da lentidão, falta de tempo e dificuldades de publicação, Cyro dos Anjos não deixou de escrever. O lançamento de suas obras era para o intelectual uma questão de prestígio, se

orgulhava de seus textos, se preocupava com que ficassem bons e apesar de serem poucos, a escrita foi uma questão com que se preocupou durante sua vida.

Nas correspondências também é possível encontrar menções, semelhanças e resquícios presentes nas obras de ambos os autores. Quando Cyro dos Anjos menciona, por exemplo: “Verifiquei nesse espaço de tempo, e em dois ou três bailes que compareci, que é astronômica a distância que nos separa das moças em flor. São uma outra humanidade, de uma outra era (MIRANDA, SAID, 2012, p. 67) Essa constatação da distância entre o homem adulto e as “moças em flor” é temática de discussão entre os personagens Belmiro e Abdias dos dois primeiros romances do autor. Ou a declaração de 10 de Junho de 1938:

Empurrei o ano passado com a ajuda de uma namorada imaginária, mas este ano está duro de roer. Tudo anda ruim: doenças em casa, pessimismo, tristezas. Materialmente, até vou próspero, construindo uma casa com o auxílio da Caixa Econômica e de boa-fé do construtor (meu único capital é o lote). Mas já descobri que isso não significa coisa alguma. Seu velho, Cyro. (MIRANDA, SAID, 2012, p.105)

O que se assemelha a namorada imaginária do personagem Abdias: Gabriela. O protagonista de *Abdias* se esquece de que não é mais um jovem em meio às moças, não se preocupa em ser o professor das meninas do Colégio das Ursulinas e em ser um pai de família casado. Ignorando questões do tempo, espaço e circunstâncias adversas, ele busca conquistar, no presente, seus objetivos de quando ainda era um jovem morador de Várzea dos Buritis. E o caminho por ele divisado é apaixonar-se por uma moça rica e sonhar se casar com a mesma. Essas comparações nos permitem perceber um pouco de Cyro dos Anjos em suas obras literárias.

Em observação às correspondências lidas é possível afirmar que o que mais difere Cyro dos Anjos de Carlos Drummond de Andrade é a capacidade de ação contínua do poeta: na escrita, no trabalho, nas relações sociais; em contrapartida com a incapacidade de ação e inércia contínua do romancista: na demorada escrita, oscilações de trabalho e até a instabilidade financeira.

Percebemos que serem servidores públicos pôde ser um aspecto positivo na vida dos escritores, que puderam tomar algum tempo do trabalho para o estado para se dedicarem à escrita literária. Observando o círculo de amigos de Drummond, podemos constatar que a literatura brasileira foi composta de numerosos funcionários

públicos. E as cartas nos fazem ter uma ideia de como foi o papel desses intelectuais na literatura, em meio aos seus percursos, suas limitações e em meio a sociedade.

Com a leitura das correspondências, ao longo dos diálogos e dos comentários dos amigos missivistas é possível observar aparições pontuais de traços dos autores em seus poemas – Carlos Drummond de Andrade – e romances – Cyro dos Anjos. Drummond se mostra um literato ativo a todo instante. Cyro aparece como um escritor autocrítico, complicado, mas também totalmente convicto do seu pertencimento ao mundo literário. Ao ler as cartas nos deparamos com intelectuais com características diferentes que carregaram uma grande amizade por toda a vida, conhecemos um pouco de seus anseios, receios, e percebemos como ponto comum aos dois autores o amor pelas letras e a ligação profunda e marcante que constroem com a literatura em suas vidas.

Referências:

BRANDILEONE, Ana Paula F. Nobile. **Cyro dos Anjos: um espírito de renovação latente**. In: CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 84-94.

DUARTE, Constância Lima. **Cyro, Belmiro, Abdias**. In: Souza, Eneida Maria de; Marques, Reinaldo. (Org.). *Modernidades alternativas na América Latina*. 1 ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

MARQUES, Ivan. **Cenas de um modernismo de província: Drummond e outros rapazes de Belo Horizonte**. São Paulo: Editora 34, 2011.

MIRANDA, Wander Melo. **Corpos escritos**. São Paulo: EDUSP, 2009.

MIRANDA, Wander Melo. SAID, Roberto (org). **Cyro & Drummond: correspondência de Cyro dos Anjos e Carlos Drummond de Andrade**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2012.

WERNECK, Humberto. **O desatino da rapaziada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.